

Berna Reale, a ‘Marina Abramovic do Pará’

Artista que usa o próprio corpo em performances impactantes desponta em meio à efervescente cena cultural do estado

Fotos de divulgação

Audrey Furlaneto

audrey.furlaneto@oglobo.com.br

Quando a perita criminal Berna Reale decidiu deitar-se nua sobre uma toalha de linho e renda com vísceras de animais sobre o corpo, no Mercado Ver-o-Peso, em Belém, já havia estudado muito os urubus para saber que não seria atacada. Passou uma tarde deitada sob aves de rapina. Queria discutir “a banalidade do corpo e da violência” na performance que lhe rendeu o apelido de “Marina Abramovic do Pará” por Luiz Camillo Osorio, curador do Museu de Arte Moderna do Rio, em referência à grande artista sérvia.

Aos 45 anos, a paraense — artista e perita criminal no Instituto de Criminalística da capital do estado — desponta na efervescência cultural de Belém como um dos nomes fortes das artes plásticas. Foi convidada para falar sobre seu trabalho na USP, no mês passado, e fará, em 2013, exposições nas galerias Millan e Nara Roesler, em São Paulo.

Arrebatando curadores

Ela chamou a atenção de outros dois importantes curadores, Paulo Herkenhoff e Agnaldo Farias: o primeiro a selecionou para o programa Rumos, do Itaú Cultural, e o segundo a convidou para participar da mostra “Amazônia, ciclos de modernidade”, que ocupa dez salas do CCBB do Rio. Ele conhece Berna há quase dez anos e a vê como parte de uma “cena de arte totalmente própria, a do Pará”.

— É um dos seis centros brasileiros de arte (ao lado de São Paulo, Rio, Minas Gerais, Recife e Fortaleza) — avalia o curador. —

BERNA REALE na

foto “O papa” (na imagem maior) e as obras (a partir do alto) “Quando todos calam”, em que se deitou com vísceras de animais sobre o corpo, “Presença ausente”, em que cobriu um museu, e a performance sem título em que é carregada pelas ruas de Belém



Lá se produz uma arte de muita qualidade e precisão com relação à violência e à cultura popular, tudo trabalhado num mesmo contexto — completa.

Herkenhoff conta que há 30 anos visita o Pará a cada seis meses e que conheceu o trabalho de Berna quando, em 2005, ela cobriu o Museu do Estado do Pará com imagens de quando o prédio estava em recupe-

ração (na obra “Presença ausente”). Questionava, então, a ocupação do museu, na época, com uma programação que achava pouco consistente.

— Berna trabalha também muitas questões amazônicas e de violência. O Pará talvez seja um dos estados em que a violência institucional se dá de forma mais contundente no país — diz Herkenhoff.



Apesar das críticas positivas, Berna ainda não pode viver de sua produção artística. Ela prestou concurso para perita criminal depois de passar alguns dias pelo Instituto Médico Legal de Belém fotografando cadáveres para uma instalação no Ver-o-Peso — registrou vísceras humanas e distribuiu as imagens nas bancas de carne do mercado. Em sua primeira perícia, foi ao

local em que um menino de 17 anos havia sido esquartejado.

— As pessoas me perguntam: “Berna, tu não te choca?” — lembra, com o sotaque carregado. — Olha, o que me entristece é a situação de pré-morte. O cadáver é apenas matéria, técnica e ciência.

Quando se deitou com carniça no corpo sob os urubus, diz que queria questionar: “Quem é



Meu trabalho é traduzir conflitos. Os artistas se debruçam sobre questões pessoais para ficar numa zona de conforto. Mas o presente é mais desconfortável

Berna Reale

que está servido?”

— Meu trabalho é traduzir conflitos. Os artistas se debruçam sobre questões pessoais para ficar numa zona de conforto. Mas o presente é mais desconfortável que o passado, é caótico e irracional — diz.

Para uma de suas performances, ela engordou dez quilos e foi carregada nua, pendurada pelas mãos e pés, pelas ruas de Belém, como se faz para transportar animais dos caminhões frigoríficos aos comércios de carne.

— O corpo tem um significado simbólico. É arte e não pode ser só política. No meu trabalho, tudo é milimetricamente pensado com o meu corpo.

Na série de fotos que criou para o Rumos, ela se transformou em papa (com o cabelo curto e tingido de branco) e se vestiu como uma senhora elegante, com uma faixa feita de projéteis coletados em cenas de crimes.

— Berna tem uma pulsão artística muito forte. Os trabalhos têm a força dela — afirma Paulo Herkenhoff. ■

UM EVENTO QUE ENVOLVE MUITA ÁGUA E INTERATIVIDADE, MAS PODE FICAR TRANQUILO QUE NINGUÉM VAI SAIR MOLHADO.

Você está convidado para um evento com a programação ligada à arte e sustentabilidade. Tudo isso em uma tela d'água no meio da Lagoa Rodrigo de Freitas. Aos domingos, a tarde é das crianças: com recreação infantil, oficinas de reciclagem e contação de histórias. À noite, os pais vão curtir as atrações musicais e as atividades que ensinam sobre o uso consciente da água. **Traga toda a família para esse espetáculo!**

15 à 24 de JUNHO
19h às 23h - LAGOA RODRIGO DE FREITAS
PRÓXIMO AO PARQUE CANTAGALO
Aos domingos de 16h às 19h -
Atividade para as crianças
www.aqualume.com.br

PATROCÍNIO

APOIO

REALIZAÇÃO

O GLOBO Projetos de Marketing

Foto de Caio Pimenta

Coluna Curta

São Paulo

Fachada em estilo eclético do Memorial da Resistência

Avenidas e esquinas da história

Foto de Jefferson Pancieri

Amantes da história e da arquitetura têm muitos caminhos a percorrer em São Paulo. Pode-se começar pelo Pateo do Colégio, marco da fundação da cidade, em 1554, passar ao Triângulo Histórico - formado pelo Mosteiro de São Bento, a Igreja de São Francisco e a Igreja da Ordem Terceira do Carmo - de quando a vila, em 1872, tinha pouco mais de 30 mil habitantes, e chegar até os marcos da memória recente, como o antigo prédio do DEOPS, transformado em Memorial da Resistência. Todos na região central. O Mosteiro de São Bento é um dos poucos remanescentes no mundo do estilo alemão Beuronense — que integra arte e arquitetura. O interior da basílica, adornado do chão ao teto, conta com pinturas, esculturas, vitrais e mosaicos que combinam elementos das artes egípcia, bizantina e românica.

O centro histórico da cidade traça um largo arco de mudanças de valores sociais e de comportamento das diferentes gerações paulistanas, refletidas na arquitetura da cidade. Estão lá os pontos de referência do Modernismo, movimento que sintetizou os novos caminhos abertos em todos os campos da arte brasileira. A vocação para a vanguarda também está registrada no Edifício Martinelli, erguido em 1929 como o mais alto fora dos Estados Unidos. E vale a pena ver, ainda, o Edifício Altino Arantes, o Banco do Brasil, na Praça Antonio Prado, e o Tribunal de Justiça, todos os três em estilo art déco; o Solar da Marquesa de Santos, na Rua Roberto Simonsen; a Catedral da Sé; a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, entre muitos exemplos das transformações vividas pela cidade.

O estilo neogótico da Catedral da Sé

Memória recente

O Memorial da Resistência de São Paulo ocupa o prédio do antigo Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo — DEOPS/SP, transformado em centro de preservação da memória da repressão durante a ditadura militar (1964 a 1985). O Museu está organizado em quatro tópicos. O primeiro trata do próprio edifício, construção do início do século XX, que abrigou primeiro os armazéns da Estrada de Ferro Sorocabana e depois o DEOPS/SP. O segundo eixo aborda o funcionamento da repressão e da resistência desde a Proclamação da República. E, o terceiro, as vivências nas celas do DEOPS no período do regime militar.

Visite www.cidadedesapaulo.com

Este conteúdo é de responsabilidade da São Paulo Turismo